

História Oral e Micro-História¹

Alessandro Casellato

Um dos últimos números de uma importante revista italiana de teoria literária, *Alegoria*, teve como título: *Conoscere l'Italia contemporanea?* (BALICCO, 2014). *Investigação sobre o Made in Italy* foi motivada pela pergunta: por que a autorrepresentação da Itália contemporânea é vista pela maior parte dos intelectuais e historiadores italianos como aquela de um país em pleno declínio econômico e cultural desde o final dos anos 70, efetivamente enquanto a Itália conseguiu, sobretudo nestas últimas quatro décadas, a impor com força, no exterior, através do *brand Made in Italy*, uma imagem de si como *modernidade* aprazível?

A tese de fundo foi que, já no final dos anos 70 e posteriormente, a Itália, apesar dos enormes problemas políticos e sociais no seu interior, seria um país capaz de exprimir uma espécie contra a hegemonia cultural no mercado internacional dominado pelos Estados Unidos; uma contra hegemonia cultural que está expressa antes de tudo colonizando as formas elementares da vida cotidiana: comer, vestir-se, morar. Alimentação, roupas, decoração. Mas também automação, isto é, mecânica *high-tech*, que representa a última evolução da tração artesanal e operária italiana. Em todos os campos, a marca *Made in Italy* tornou-se um símbolo de produtos belos e de alta qualidade, destinados a um mercado de massa, mas não comum. Isso representa uma alternativa à “americanização do cotidiano” com a qual há alguns anos as ciências sociais haviam interpretado a passagem da modernidade.

Por qual razão, a partir da segunda metade dos anos setenta e depois, sobretudo nos anos oitenta, a cultura italiana conseguiu exportar essa ideia de *modernidade aprazível*, alternativa tanto ao modelo comum americano, quanto aos austeros modelos anglo-² franceses de modernidade como racionalização? Talvez uma resposta possível possa ser encontrada generalizando com cautela uma hipótese teórica do americano Fredric Jameson [1981]: “a produção de uma forma estética ou narrativa deve ser vista como um ato em si ideológico, cuja função é aquela de inventar ‘soluções’ imaginárias ou formais a contradições sociais insolúveis”. O prazeroso «nacionalismo *soft*» condensado nos produtos *Made in Italy* pode ser lido como compensação simbólica da trágica derrota política do “longuissimo” 1968 italiano? (BALICCO, 2016, p. 10-11).³

Experimentalmente releer os eventos que levaram, portanto, o nascimento da Micro-História e da história oral “a moda italiana” à luz das hipóteses contidas neste número de “Alegoria” e tendo presente o amplo debate em curso sobre a *Italian Theory*, isto é, sobre o reconhecimento internacional do “pensamento italiano” que aconteceu nos dois últimos decênios no campo filosófico (ESPPOSITO, 2010, p. 30-33). Como é conhecido, Micro-História e História Oral estão entre os mais conhecidos êxitos da historiografia italiana no mundo e os seus intérpretes mais célebres – Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, Luisa Passerini e Alessandro Portelli – são reais *Clio Stars* em nível internacional. Acerca desses pesquisadores podemos definir como os produtos de excelência do *Made in Italy* historiográfico.

Micro-história e História oral compartilham a ideia de uma dimensão artesanal da profissão do historiador – *small data*, recusa do lugar comum, cuidado dos detalhes – e representam por muitos aspectos uma resposta à derrota política do “longuissimo” 1968

¹ Uma versão diferente deste artigo foi publicada com o título “*L'oracchio e l'occhio. Storia orale e microstoria*” (CASSELLATO, 2014). Tradução e revisão técnica do presente artigo: Leonardo de Oliveira Conedera e Maira Ines Vendramme.

² Conhecer a Itália Contemporânea.

³ Movimentos de protestos coletivos que duraram dez anos na Itália. Sobre isso, ver: DE LUNA (2011).

italiano. Micro-história e História Oral tentaram, a partir daquela derrota e da crise cultural que se seguiu, “inventar soluções imaginárias ou formais para contradições sociais insolúveis”.

História oral e Micro-História nasceram de uma insatisfação comum frente às disponibilidades da historiografia do seu tempo, como também de exigência de compreender a sociedade *como é e como deveria ser* (SALVATI, 2008, p. 91). Entre ambas vieram definindo – isto é, se dão o nome e se formalizam como um conjunto de práticas, lugares e redes de relações – no final dos anos 70, mas possuem raízes longas e múltiplas, em grande parte compartilhadas.

Os pioneiros da história oral italiana descobriram as fontes orais fazendo trabalhos de História local: conduziram pesquisas circunscritas, empiricamente fundamentadas, procurando novas variedades de documentos, mesmo aqueles “menores”. Um dos expoentes desta “nova esquerda historiográfica” foi Gianni Bosio, intelectual socialista, fundador, já em 1949, da revista “Movimento operário” e depois autor do livro *Il trattore ad Acquafredda*, que começou em 1960 para contar a passagem da época: da mecanização dos campos (o trator) e as suas consequências na cultura popular. Esse livro foi publicado postumamente em 1981 e apresentado como “um exemplar de caso de Micro-História” produzido previamente com fontes orais (BOSIO, 1981).

No mesmo âmbito político-cultural nasceu o primeiro livro de Cesare Bernani, *Pagine di guerriglia*, que foi, de fato, a micro-história de uma banda *partigiana*, realizado através de depoimentos orais. A obra foi publicada no ano de falecimento de Bosio (1971) e revelou uma resistência muito distante da imagem então canonicizada. Anos depois, repensando esse trabalho, Bernani lembraria as reflexões de um escritor – Hans Magnus Enzensberger, em *Letteratura come storiografia* – que o ajudaram a colocar em foco um aspecto importante da sua pesquisa: o interesse “pelo detalhe”, típico dos narradores, muito mais que “pela totalidade”, à maneira

dos historiadores que trabalharam com “imensas reduções” (BERMANI, 1987, p. 23).

Se os historiadores da oralidade encontraram a Micro-história, quando esta ainda não existia, os historiadores da micro-história utilizaram as fontes orais ainda antes de serem definidas como tais. No final dos anos 50, por exemplo, Giovanni Levi transcreveu para a Sicília, junto com Danilo Dolci, e com ele iniciou a coleta de entrevistas:

Fazíamos as entrevistas com os trabalhadores braçais do campo. Essas eram impróprias, no sentido de que cheias de contradições. Perguntávamos quantas jornadas de trabalho haviam realizado durante o ano precedente e eles diziam: “cinquenta”. Somando-as e dividindo-as por todas as atividades se alcançava o número de 350 jornadas ou outras coisas do gênero. Então tive um choque com Danilo Dolci, dizendo-lhe: “olha estas entrevistas não se fazem assim, não funcionam”. E ele me disse: “mas eu devo entregar em quinze dias o livro para Einaudi”. Nós separamos mal e depois *O desperdício* saiu sem as nossas entrevistas, ou melhor, com as nossas entrevistas muito manipuladas. Depois me formei (LANARO, 2011, p. 172).

No mesmo período Carlo Ginzburg (2006, p. 269-70) trabalhou sobre os seus depoimentos orais transcritos nas verbalizações dos processos de Inquisição, reconhecendo a natureza *dialógica*, ao mesmo tempo que sua mãe Natalia se aplicava naquele tipo de auto-investigação narrativa, que se observa em seu livro *Lessico famigliare* (1964), aprendendo as reflexões sobre a linguagem, sobre a memória, sobre a vida cotidiana. A historiografia de Ginzburg, já em *I benandanti* (1966), se alimenta dessa dupla influência, historiográfica e literária, que o leva a valorizar a presença de traços da oralidade nos documentos de arquivo e a tematizar o encontro entre tradição oral e circulações de textos escritos produzidos pela mentalidade popular.

Quase contemporaneamente, Edoardo Grendi começou a importar da Inglaterra, onde se criou, a tradição da *Local History* nos seus estudos de história do movimento operário. A *Local History* veio entendida como abertura ao estudo empírico do território

e como uma pequena atividade experimental, mais que retórica, ligada ao “paradigma da observação da Micro-História” (GRENDI, 1996, p. 12-14). Ter um campo além do arquivo como ambiente de pesquisa impõe ao historiador modificar a sua epistemologia, alargar o conjunto das fontes possíveis e, sobretudo, situar-se no interior de um contexto espacial, de um *síte* – assim – que se explora, a maneira dos arqueólogos e dos topógrafos, interessados na observação dos artefatos ou dos recursos da vegetação ou dos vestígios deixados pela vida passada, por ter em diálogo com os depósitos documentais presentes nos arquivos (TORRE, 2006, p. 300-317; MORENO, 1990; GRENDI, 2004; TIGRINO, 2013, p. 211-232). A passagem da observação dos vestígios para reconstruir as práticas do passado – em busca das pessoas que ali habitavam e escutando as memórias localizadas das quais elas são portadoras – é mais fácil de percorrer (CALEGARI, 2007, p. 30-31).

Os anos posteriores a 1968 são caracterizados por uma não usual contaminação entre diversos grupos sociais e entre culturas “altas” e “baixas”; isso que na década precedente era prerrogativa de grupos minoritários muito localizados tendeu a se difundir e a se generalizar. Esse clima criaria o *humus* que consentiu, no final dos anos 60, o nascimento – ou a formalização – da Micro-história e da História Oral.

Em 1973 nasceu “Primo maggio”, que se propôs como revista de “História militante”, isto é, visava ligar a historiografia e as lutas sociais. Apreende da tradição trabalhista o plano teórico, a curiosidade analítica para o funcionamento da economia capitalista e para as transformações da composição de classe. Com a entrada em redação de Cesare Bernani, em 1975, a revista começou a dedicar uma atenção constante aos “depoimentos orais da parte proletária e ao seu uso como fontes funcionais para uma história da classe e para ela” (BERMANI, 1975: 2010: 2013).

Maurizio Gribaudo, em uma conferência recente, falou das origens militantes da Micro-história, que nasceria, sobretudo sobre o impulso de Edoardo Grendi e Giovanni Levi, como “ato militante e junto da posição política” sobre os modelos e sobre os instru-

mentos interpretativos da esquerda (GRIBAUDI, 2009, p. 10-11). Assim, na metade dos anos 70, esse grupo que daria vida àquele dos “primeiros historiadores da Micro-História” teve longas discussões acerca da cultura popular como um modo diferente de ler uma mesma realidade e como um recipiente de possíveis bifurcações para a história que não foram tentadas. O debate historiográfico estava ligado àquele político que “colocava explicitamente o problema de subverter a centralidade e hierarquias de espaços e de experiências sociais”.

Abriam-se contatos, discutia-se com as comissões de bairro ou de vilarejo, com organismos sindicais e facções políticas. Frequentemente partia-se em uma noite para discutir com um grupo de História Oral de Milão, Aosta ou Asti. Depois se iria a uma reunião de um grupo do bairro em Alessandria, Gênova ou Mantua. Próprias expedições que tinham o mesmo sabor e a mesma intensidade dos panfletários em frente às fábricas que conheceram no curso do princípio de setenta (GRIBAUDI, 2009, p. 15).

Além disso, no âmbito historiográfico e político surgiu, na primeira metade dos anos 70, uma conjuntura cultural muito mais ampla, que reunia várias artes e que se refere à fragmentação, à derrubada, à recuperação arqueológica, ao ouvir as vozes sepultadas.⁴ Carlo Ginzburg, por exemplo, lembrou em várias ocasiões as trocas de ideias das quais participou, em particular com Italo Calvino e Gianni Celati, em torno da projetada – e nunca realizada – revista “Ali Babà” (BELLPOLITI, 2001, p. 126-27). Pontos comuns e caracterizantes eram “uma geral intolerância em relação ao que hoje se diz e se escreve” (CALVINO, 1995, p. 321) a discussão sobre traços e o saber indiciário (de Benjamin), o olhar dos arqueólogos (ou dos palio-etnógrafos) sobre a realidade presente e a “delimitação do espaço” como instrumento para melhor compreendê-la (CELATI, 1998, p. 200-222).

⁴ É uma conjuntura internacional: dois livros desse sintoma são o de Ernest F. Schumacher (1973) e o de Raymond Carver (1976).

É nessa conjuntura, isto é, no interior de tal série de estímulos e de expectativas, que, em 1976, saiu *Il formaggio e i vermi* (*O Queijo e os Vermes*), o livro de Carlo Gimzburg com o qual se quer começar a temporada das pesquisas da Micro-História. No final do mesmo ano, na Universidade de Bolonha, ocorreu o primeiro congresso acadêmico dedicado às *fontes orais*, incentivadas por antropólogos e africanistas, que introduziam na Itália a experiência da *Oral History* anglo-saxã; entretimentos, acenderam uma fúscia com os "historiadores militantes" que foram convidados para estabelecer uma relação. Isto é, foi o primeiro sintoma de um conflito destinado a se alargar (BERNARDI; PONI; TRULZI, 1978).⁵

No final da década de 70 instituíram-se as redes e os lugares de elaboração das práticas que começaram a se definir explicitamente como Micro-História e História Oral. A revista *Quaderni storici* foi uma incubadora entre as mais precoces e fecundas. A saber, o periódico é uma referência para a historiografia italiana e caracteriza-se pela abertura para as ciências humanas, para a geografia e para a antropologia. Em 1977, dedicou pela primeira vez um número intitulado a *Oral history: entre antropologia e história*. Vale lembrar que, nessa edição, Giovanni Levi, Luisa Passerini e Lucetta Scaraffa assinaram um artigo sobre a pesquisa que possuíam em curso sobre um bairro operário de Turim; no mesmo número, Edoardo Grendi começou a discutir acerca das *Microanálises e história social*.⁶

A pesquisa sobre a *Cultura operária e vida cotidiana no burgo San Paolo* (1978) de Turim foi inovadora, pois colocou junto um grupo de trabalho, coordenado por Giovanni Levi, sustentado pela administração municipal de esquerda eleita em 1975; o projeto pensava envolver o bairro, as escolas, as organizações políticas e sindicais de base e, posteriormente, transformar-se em uma amostra abert-

ta para a cidadania, visto que pretendia ser "um trabalho de discussões de coleta e de reflexões que alargaria maiores possibilidades, para além dos seus funcionários e os seus trabalhos, o número dos produtores de história". Os êxitos da pesquisa foram publicados em 1978, mas o canteiro ficou aberto e produziria vários êxitos, mais ou menos diretos.

Contemporaneamente, um outro grupo de pesquisa, que surgiu, em Turim, com o nome de "Primo Maggio", moveu do presente com as mesmas perguntas de quem estava investigando o passado (o que é, hoje, a classe operária?) e termina por encontrar os mesmos problemas e tentar as mesmas vias de saída: para entender melhor necessita procurar não a luta, mas a vida cotidiana, escutar não as vanguardas, mas o operário médio, olhar não tanto dentro da fábrica, mas o que estava fora dela.

O presente sugere novas pistas de pesquisa para os historiadores. Começou-se a ver, também no passado, a classe como um campo de relações mutáveis entre indivíduos diferentes; pode-se estudá-la não apenas como luta ou ação coletiva, mas também nas fases que é silenciosa. A experiência de Turim encontra correspondências em outros contextos: Veneza, Milão, Roma, Florença, Reggio Emilia, Napoli, pesquisadores praticamente coetâneos se colocavam para estudar as mesmas coisas nos mesmos anos; fazem, ao passado, perguntas fortes para compreender um presente sempre mais elusivo, em muitos aspectos decepcionante.

No final dos anos 70, os "intelectuais militantes" formados em 1968 tornaram-se pesquisadores; para alguns abriram-se as portas das universidades, de maneira estável com a entrada em 1980; outros encontraram mais ou menos duradoura colocação no interior de centros de estudo de entidades locais e sindicais. Todos juntos constituíram uma rede informal de estudiosos; entre eles existia comunicação e eram dotados de um mesmo *imprinting* geracional, compartilhando perguntas e afinando instrumentos de análises. Esses circunscreviam as pesquisas e reduziam a escala de estudo para a cidade, bairros, fábricas únicas, até a perseguir as trajetórias biográficas (individuais, familiares ou de grupo); reduziram as ge-

⁵ Durante o congresso, a tradução da fala de Cesari Bernani e Bruno Carossi sobre subjetividade e história do movimento operário é interrompida e o texto de ambos não foi incluído nos anais do evento.

⁶ A revista *Quaderni Storici* (n. 35) de 1977 antecipa parte dos textos apresentados no congresso de Bolonha.

neralizações e as fórmulas interpretativas que demonstraram não estarem mais atreladas à realidade. Paradoxalmente, os primeiros anos de 1980, os conhecidos como o “refluxo” e do eclipse dos operários da cena pública, coincidiram com o último grande período da historiografia sobre o trabalho, na qual Micro-História e História Oral cruzaram e refinaram instrumentos e conceitos.

Há um momento que marca uma reviravolta, em 1981, quando, em Mântua, se tem por três dias o congresso organizado por “Primo Maggio” sobre a *Memória operária e nova composição da classe*. *Problemas e métodos da historiografia sobre o proletariado* (BERMANI; COGGIOLA, 1986). Foi um congresso explosivo, ainda no interior da tradição do trabalho italiano, mas que separou abertamente os historiadores “militantes” daqueles “acadêmicos”. Escreveu Bruno Cartosio que com aquele congresso “terminou na nossa história política e cultural, entre 1980 e assim, aquela parábola iniciada nas escolas e nas fábricas e duradoura por mais de dez anos” (CARTOSIO, 1982, p. 56).

No interior dessa mudança de fase, em 1981, foi lançada, por Einaudi, a coletânea “Micro-histórias”, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, que impulsionou a experimentação historiográfica sobre o terreno empírico e conjunto teórico e epistemológico, aprofundando limites disciplinares, cronológicos e geográficos; essa experiência seria considerada como um dos produtos mais interessantes da historiografia italiana a nível internacional.

Segundo linhas paralelas, mas já distintas a respeito da Micro-História, mesmo o debate sobre as fontes orais inseriu-se em um circuito supranacional, no interior daquele da “escola” italiana – representada no exterior nestes anos sobretudo por Luisa Passerini e Alessandro Portelli – sendo reconhecida como uma das mais originais e ricas, mesmo de uma própria específica tradição (BONOMO, 2013, p. 66).

Diferentemente da aproximação empirista e positivista da *oral history* anglo-saxã (que põe a atenção em examinar minuciosamente os testemunhos e sua confiabilidade) e daquela fordista e taylorista *oral history* estadunidense (que se dedica a grandes proje-

tos de coleção e arquivamento massivo de fontes orais), a história oral italiana se distingue pelo trabalho interpretativo profundo que é realizado mesmo nas pequenas entrevistas. Além disso, também se diferencia pela atenção dada às temáticas da subjetividade e da memória e, portanto, à forma, às distorções e aos silêncios presentes nos testemunhos.⁷ Esta passagem marca uma mudança fundamental frente à tradição italiana de uso militante das fontes orais entendidas somente como documentos de uma contra-história “vista de baixo”.

Em 1984, realizando um balanço pelos dez anos de “Primo Maggio”, Portelli (1984, p. 61) escreveu que “o limite principal que eu deverei indicar no discurso da revista sobre a História oral talvez por ter apontado principalmente sobre a tangibilidade documental da história oral, cortando em parte fora dos instrumentos de análises mais ricos e complexos que vieram elaborando, sobretudo na Itália, nos últimos anos”. A referência implícita é ainda a memória que – sustenta Portelli – resulta mais interessante e original lá onde se afasta da variedade efetiva, enquanto permite acessar níveis de realidade de outro modo inacessíveis com outras fontes, ou de compreender como os fatos sejam vividos, percebidos, imaginados, reelaborados e preferidos integrando-se com a história sucessiva. O livro, *Biografia di una città*, que Portelli publicaria em 1985 (próprio no interior da coleção “Micro-histórias”) é uma demonstração da eficácia desse modo de entender a abordagem das fontes orais para o conhecimento do passado.

Um êxito praticamente oposto chegou, dois anos depois, com Maurizio Gribaudi, que concluiu com uma monografia o percurso de pesquisa iniciado dez anos antes em *Borgo San Paolo*, derrubando em muitos aspectos as hipóteses iniciais e reafirmando as potencialidades heurísticas das fontes orais: a memória – argumenta Gri-

⁷ A sociologia também participa deste renascimento metodológico, sobretudo graças as contribuições e escolhas de de Franco Ferrarotti (1981), que recuperam e sistematizam uma tradição de uso qualitativo das “histórias de vida” que vem da Escola de Chicago e, na Itália, de Danilo Dolci e, sobretudo, de Danilo Montaldi.

baudi em *Mundo operário, mito operário* – reconstituiu o “mito” e distorceu a realidade; para compreender o que aconteceria nos bairros operários de Turim nos anos 20 e 30 foram outras fontes a que se necessita voltar: para os arquivos notariais, antes de tudo, que registram os percursos migratórios do campo, os deslocamentos internos das cidades, as trajetórias de mobilidade social, e, portanto, em última estância, as estratégias colocadas em prática pelos indivíduos e por aquelas famílias que são os verdadeiros sujeitos “fortes” e empiricamente para serem investigados em frente àquelas desgastes irremediáveis da imagem ideológica de uma classe operária homogênea, coesa e sólida. Gribaudi (1987, p. 12-13), depois de ter por muito tempo observado um grupo circunscrito de indivíduos, concluiu tematizando a “dificuldade do uso das fontes orais” para compreender a realidade, “enquanto baseadas sobre as lembranças frequentemente deformadas pelas sucessivas racionalizações”.

* * *

A partir daquele momento, História Oral e Micro-História separaram as suas estradas. Já, Giovanni Levi (1980, p. 80) colocou um alerta a partir “dos muitos equívocos e pelo incontrolado sucesso” da História Oral, na qual “a capacidade emotiva de se interessar é rapidamente substituída pelo trabalho de interpretação e a responsabilidade do historiador fica escondida atrás da passiva função de recolhedor de memórias”.

Parece-me interessante discutir essa posição de Levi porque coloca em foco o ponto de divergência entre Micro-História e História Oral, que se aventou no princípio dos anos 80, isto é, no momento no qual as duas “comunidades de prática” se autonomizaram, progressivamente destilando duas diferentes hermenêuticas: aquela da visão, ou dos olhos, próxima aos micro-históricos, e aquela do escutar, ou dos ouvidos, própria dos historiadores da oralidade.

O artigo no qual Levi exprime mais completamente a sua ideia de Micro-História foi publicado em 1991 na obra organizada por Peter Burke, *New perspectives on Historical Writing (Escritas da His-*

tória). A parte central do texto foi dedicada a um confronto com as posições de Clifford Geertz, em particular com a sua perspectiva de trabalho antropológico definida como *thick description (descrição densa)*. A ideia de Geertz foi “a negação da explicitação total e o esforço de construir uma hermenêutica do escutar” de derivações heideggerianas, que desemboca no relativismo. O historiador, quem em mente Levi, ao contrário, argumenta, valoriza, afronta, extrai; faz também entrar o leitor no seu laboratório, revela o processo de pesquisa e até mostra os limites documentários “fazendo o participar no processo de montagem do discurso historiográfico”, porém, mantém sempre uma posição distinta e bastante valorizada a respeito de sua matéria, no esforço de “dar um sentido ao mundo” (LEVI, 1993, p. 119, 125-26).

O campo semântico dos termos com que se refere a Micro-História é aquele da visão: contam as formas, as dimensões, a escala de observação dos fenômenos sociais. A reflexão teórica sobre a História Oral utiliza, ao invés, inevitavelmente, metáforas de tipo auditivo. A distinção entre os dois campos reflete aquela evidenciada por Walter J. Ong, no seu célebre estudo sobre *Orality and Literacy* (publicado em 1982, assim contemporâneo à imersão do nó historiográfico e teórico que estejam investigando): “a visão isola os elementos, o ouvido os unifica. Enquanto a visão propõe ao observador um olhar externo daquilo que vê, à distância, o som flui em direção àquele que ouve [...] quem escuta está no centro do próprio mundo auditivo, que o envolve, fazendo-o ouvir imerso nas sensações e na mesma existência” (ONG, 1986, p. 105-106; GOODY, 1990).

Se o historiador da Micro-História põe uma distância entre si e o objeto que estuda, para podê-lo observar, o historiador da oralidade deve aproximá-lo, para ouvi-lo, e se fazer ao menos um pouco se deixar impregnar, para escutá-lo; se o historiador da Micro-História – simplificando – é um cientista social que quer manter controle sobre a sua pesquisa, sobre o discurso que deriva e sobre os seus significados. O historiador da oralidade é ao contrário disponível – ou obrigado pela natureza mesma através das suas

fontes, dialógicas e sempre excedentes acerca das suas perguntas – reconhecendo que o círculo da explicação da realidade não é nunca todo fechado: no seu modo de argumentar, através de longas citações das narrações de outros, isso incorpora outras possíveis explicações, que “deixam espaço também na autointerpretação dos narradores” (PORTELLI, 2009).

Como escreveu Gabriella Gribaudo (2005, p. 30) refletindo sobre a própria experiência de pesquisa sobre a memória de guerra na Campana,⁸ a historiografia é um exercício de imersão em outro mundo⁹; quando o historiador da oralidade aplica a sua agenda para a pesquisa sobre o campo, mesmo não distante de casa, termina sempre para se fazer conduzir pelos seus depoentes para explorar mundos que não conhece, e a se por perguntas que sozinho não se saberia fazê-lo. Isso significa que o vivido e o descrito em primeira pessoa pelos narradores não é jamais completamente traduzível nos códigos de quem conduz a pesquisa, e que o trabalho do historiador está em dar conta na viagem de ida e volta do próprio mundo aquele dos outros. Quer dizer também que as explicações “nativas” mesmo quando são tecnicamente erradas continham um certo grau de verdade subjetiva, mas performativa, que não pode ser verificada a partir do horizonte da pesquisa (CONTINI, 2001, p. 41-60). Conforme escreveu Ronald Grele (1997, p. 6), “a história a fazer seja os historiadores seja as pessoas que entrevistam, e a entrevistista se reconhece como o lugar de encontro entre dois modos de pensar o passado”: aquele do entrevistado que compreende a história vivida, aquele do historiador que a compreende a partir do que estudou.

Segundo Erich Auerbach (2000), na tradição cultural europeia existem fundamentalmente dois modos para se representar a realidade: o lógico de Atenas e aquele narrativo de Jerusalém (dos poemas homéricos e contos bíblicos).⁹ As duas tradições não são

⁸ NDT: Região sul da Itália, cuja capital é Nápoles.

⁹ Alessandro Portelli utilizou em várias ocasiões a metáfora do *Athena e Jerusalem* para indicar os dois polos da narração histórica, como o fez em *“Miliano Coena” di Montaliti e Alasia*, “il manifesto”, 27 gennaio 2011.

incompatíveis, aliás: historiadores e histórias oferecem boas provas quando se sentem responsáveis seja em direção a Atenas que em direção a Jerusalém, isto é, quando tematizam e refletem sobre esta dupla lealdade.

Em certos casos, as dúvidas que o olho possuía em relação ao ouvido permaneceram um pouco escondidas. Como nasce, por exemplo, na cabeça do historiador, a chave que abre a compreensão da realidade e que guia depois a pesquisa? Duccio Bigazzi, entrevistado por Cesare Bernani, em 1988, sobre a gênese de *Il Portello* – um livro sobre a história industrial e operária da Alfa Romeo, tudo construído sobre fontes documentárias –, disse ter dedicado dez anos de pesquisa, mas aquilo que queria demonstrar já havia compreendido no início; além disso, afirma que foram as fontes orais que lhe possibilitaram ler e entender também as fontes escritas: “Em uma pesquisa deste gênero a relação direta com os homens é um fator decisivo” (BERMANI, 1988, p. 52).

Às vezes, a base de uma intuição de pesquisa possuiu uma fonte oral, ou uma experiência direta, declarada. Porém, certos traços autobiográficos, que foram decisivos para orientar o pesquisador na compreensão dos fenômenos sociais, frequentemente se encontravam fora dos livros onde foram elaborados. Por exemplo, ao escutarmos a história contada por Gabriella Gribaudo (2007, p. 79-81) sobre a própria família, por ocasião de um exercício de *ego-histoire*, descobre-se que o livro de seu irmão Maurizio – *Mundo operário e mito operário* – tem uma clara matriz autobiográfica: a tese de fundo sobre as estratégias de integração urbana em Turim, apresentada como o resultado de uma pesquisa, se encontrava já inscrita na história familiar do autor; o seu corolário, ou a natureza falaciosa e enganadora dos depoimentos orais é, na realidade, parada no fato que foi uma fonte de memória – o “boato” em família, que não formalizado em uma entrevista – que levou à explicação daquilo que queria entender antes mesmo do começo da sua pesquisa no arquivo.

Outros e mais recentes êxitos do cruzamento entre a abordagem do historiador da Micro-História e fontes orais mostram que a

memória pessoal do pesquisador, e até os sentimentos e as emoções, ou o seu posicionamento consciente dentro do campo de investigação, são um recurso, porque podem produzir nele ao mesmo tempo empatia e estranhamento, potencializando, enfim, a imaginação. Isto é, aquela capacidade que lhes consente conectar os vestígios do passado que possuem a disposição de maneira perspicaz e inovadora.

Eu gostaria de concluir com um exemplo de alto artesanato historiográfico realizado e praticado unindo a Micro-História e a História Oral. O protagonista é um historiador genovês, não acadêmico, muito pouco conhecido fora dos círculos que o estimam. Chama-se Manlio Calegari, trabalhou no *Centro Nazionale delle Ricerche di Genova*; creio que não seja conhecido porque escolheu sempre pequenas editoras locais de sua cidade sem grande distribuição. O seu trabalho é um artesanato historiográfico que privilegia a feitura curra: do produtor ao consumidor.

Calegari estudou a manufatura pré-industrial, as práticas artísticas do papel e dos metais, a história da Resistência na sua zona. Do seu modo tem sempre utilizado as fontes orais, também quando se ocupou de histórias de quatro séculos atrás, passando do arquivado para o campo, da história à etnológica, um pouco como o fez Nathan Wachtel (2013) em suas pesquisas sobre antropologia histórica. A particularidade dos seus livros é que conseguem dar voz aos personagens a ponto de o leitor imaginar tê-los a sua frente, mesmo tendo aqueles vividos cinquenta ou quinhentos anos antes, como se fossem pessoas vivas e falassem com voz própria.

Os livros sobre a história da Resistência em torno de Gênova basearam-se sobre fontes orais que, porém, são o fruto de longas relações e, portanto, de colóquios repetidos no curso de diversos momentos: verdadeiras entrevistas em profundidade, para certos aspectos maiêuticos. Calegari cruza as lembranças com as datas de arquivo e com as informações da história ambiental, isto é, com a estratificação de vestígios naturais e antrópicos daquele território

que ele sabe reconhecer. Mas os seus depoentes não são apenas “fontes” que o historiador dissecar e coloca sobre o microscópio; são companheiros de estrada, pesquisadores, curiosos, sujeitos que participam da pesquisa, que estão em pesquisa, disponíveis para “repensar a [própria] história colocando-as no centro de outros elementos” que antes se encontravam nas margens.

O último livro de Calegari (2014) baseia-se sobre o arquivo de documentos pessoais e familiares entregues por um amigo falecido, Gino Canepa, que foi operário em uma fábrica metalomecânica de Gênova. O trabalho é a história de uma amizade e do contexto social e político que a fez possível; é também a história de um período historiográfico, que se abriu em torno de 1968 e veio exaurindo-se nos primeiros anos da década de 1980: por muitos aspectos, essa é a pesquisa experimental dessa relação que referi sobre os laços íntimos entre Micro-História e História Oral. Sobre tudo, foi uma pequena obra prima com utilização das fontes orais com uma chave de leitura da Micro-História. Poucas entrevistas em profundidade, repetidas no tempo, são consideradas de forma intensiva, junto a tudo isso que pode se tornar “fonte”: não por último a paisagem, o território, no qual o olhar de Calegari – como se fosse um arqueólogo – sabe reconhecer as estratificações de marcas depositadas pelos diversos usos que foram realizados. Tem atrás disso a ligação da *Local History* de matriz anglo-saxã, da qual Gênova foi um laboratório e que a escola do autor se formou; e possui a sua experiência de historiador do trabalho, das profissões e dos saberes tácitos, que o faz disponível para reconhecer e captar de interpretar, ao lado das palavras ditas nas entrevistas, também “a arte do tático comunicar”, que se exprime através dos silêncios, as atitudes, as posturas, os modos de estar no espaço doméstico.

A uma única vida e ao canto do mundo que essa atravessou, o historiador propõe perguntas importantes: “um empenho a todo campo capaz de entrelaçar biografias a história familiar, acontecimentos políticos gerais na história do bairro” (CALBEGARI, 2014, p. 160). E Calegari procura também novos caminhos, que o levam para dentro do perímetro da historiografia daquelas coisas impal-

páveis que são os “sentimentos” sobre as quais mesmo Gino Carne-
pa interrogava-se: a amizade, a possibilidade de mudar as coisas, o
papel do indivíduo no processo histórico, a sua possibilidade (ou
pelo menos) de escolher livremente, o sentido do trabalho e da ação
política para a vida humana.

De tudo peculiar é o tratamento do depoente, um sujeito
consciente, por sua vez desejoso de descobrir mais, de alargar o
próprio conhecimento graças aos saberes específicos ao olhar ex-
terno que “o professor” lhe oferece. Como o depoente é também
um historiador, assim o pesquisador está dentro da história que
conta, a qual é, ao menos em parte, também da autobiografia, por-
quanto conduzida com delicadeza e sem uma invasão egotística.
Esse mérito da qualidade da escrita, que é o último aspecto (mas
não menos importante) que deve ser sublinhado. Calegari tem uma
escrita muito pessoal, não homologada, quase literária, que não
permite uma leitura rápida e que é a cifra da sua abordagem para a
historiografia. Lendo o livro, é como se ouvisse a voz do seu autor.
Também essa é uma História Oral.

Referências

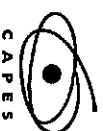
- AUERBACH, Erich. *Mimesis. Il realismo nella letteratura occidentale*. Tori-
no: Einaudi [ed. orig. 1946], 2000.
- BALICCO, Daniele (a cura di). *Made in Italy e cultur*. Palermo: Palumbo,
2016.
- _____. “Guida alla lettura”. BALICCO, Daniele (a cura di). *Allegoria*. n.
68, 2014.
- BELPOLITI Marco. *Settanta*. Torino: Einaudi, 2001.
- BERMANI, Cesare. “Dieci anni di lavoro con le fonti orali”. *Primo Maggio*. n. 5,
1975.
- BERMANI, Cesare. “Dieci anni di lavoro con le fonti orali”. *Primo Maggio*. n. 5,
1975.
- BERMANI, Cesare. *Pagine di guerriglia. L'esperienza dei garibaldini della Val-
sesia*. Vol. 4, Borgosesia-Vercelli: Istr Borgosesia-Istr Vercelli, 1971-2000.

- BERMANI, Cesare. *Una storia dell'impresa e della forza lavoro Alfa Romeo*.
“Primo Maggio”. n. 28, autunno 1988.
- BERMANI, Cesare (a cura di). “La rivista”. *Primo Maggio (1973-1989)*.
Roma: Derive Approdi, 2010.
- BERNARDI, Bernardo; PONI, Carlo; TRIULZI Alessandro (a cura di).
*Fonti orali - Oral Sources - Sources Orales. Antropologia e storia - Anthropology and
History - Antropologie et Histoire*. Milano: Angeli, 1978.
- BERMANI, Cesare; COGGIOLA Franco (a cura di). *Memoria operata e
nuova composizione di classe. Problemi e metodi della storiografia sul proletariato*.
Milano-Rimini: Istituto Ernesto de Martino-Maggioli, 1986.
- BONOMO, Bruno. *Voci della memoria. L'uso delle fonti orali nella ricerca stori-
ca*. Roma: Carocci, 2013.
- BOSIO, Gianni. *Il trattore ad Acquafredda. Piccola e grande storia in una comu-
nità contadina*. BERMANI, Cesar (a cura di). Bari: De Donato, 1981.
- CALEGARI, Manlio. “Le domande bisogna farle a se stessi. Intervista di
Marianna Tamburini”. In: CASSELLATO, Alessandro (a cura di). *Il micro-
fono rovesciato. 10 variazioni sulla storia orale*. Treviso: Istresco, 2007.
- CALEGARI, Manlio. *L'eredità Canepa. Il Sessantotto tra memoria e scrittura*.
Acqui Terme (AL): Impressioni Grafiche, 2014.
- CALVINO, Italo. “Lo sguardo dell'archeologo”. In: *Una pietra sopra. Dis-
corsi di letteratura e società*. Milano, Mondadori, 1995 [ed. or. 1980].
- CARTOSIO, Bruno. “Memoria e composizione di classe: dal Convegno
di Mantova in poi”. *Primo Maggio*. n. 17, primavera 1982.
- CARVER, Raymond. *Will you please be quiet, please?*. New York: McGraw-
Hill, 1976.
- CASSELLATO, Alessandro. “L'orecchio e l'occhio. Storia orale e micros-
toria”. In: *Italia contemporanea*. n. 275, 2014.
- CELATI, Gianni. “Il racconto di superficie”. In: BARENGHI, Mario;
BELPOLITI, Marco (a cura di). *Ali Babà. Progetto di una rivista 1968-1972*.
Riga. n. 14, 1998.
- CONTINI, Giovanni. “Fonti orali e storia locale. Memoria collettiva e
storia delle comunità”. In: BERMANI, Cesare (a cura di). *Introduzione alla
storia orale. Vol II. Esperienze di ricerca*. Roma: Odradek, 2001.
- _____. “Cultura operata e vita quotidiana in borgo San Paolo a Torino”.
In: *Torino tra le due guerre*. Musei Civici, 1978.

- _____. Dibattito su "Dieci anni di Primo Maggio". n. 22, autunno 1984.
- DE LUNA, Giovanni. *Le ragioni di un decennio, 1969-1979*. Militeranza, violenza, sconfitta, memoria. Milano: Feltrinelli, 2011.
- ESPOSITO, Roberto. *Pensiero vivente. Origine e attualità della filosofia italiana*. Torino: Einaudi, 2010.
- FERRAROTTI, Franco. *Storia e storie di vita*. Roma-Bari: Laterza, 1981.
- GINZBURG, Carlo. *I benandanti. Stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento*. Torino: Einaudi, 1966.
- _____. *Il formaggio e i vermi. Il cosmo di un migrante del '500*. Torino: Einaudi, 1976.
- _____. "L'inquisitore come antropologo". In: GINZBURG, C. Il filo e le tracce. *Il filo e le tracce. Vero falso finto*, Milano, Feltrinelli, 2006.
- GINZBURG, Natalia. *Lessico famigliare*. Torino: Einaudi, 1964.
- GRELE, Ronald J. "Racconti personali: modalità di presentazione e d'uso". *Accoma*. n. 10, a. 4, primavera 1997.
- GRENDI, Edoardo. Storia di una storia locale. L'esperienza ligure 1792-1992. Venezia: Marsilio, 1996.
- GRENDI, Edoardo. *In altri termini. Etnografia e storia di una società di antico regime*. RAGGIO, Osvaldo; TORRE, Angelo (a cura di). Milano: Feltrinelli, 2004.
- GRIBAUDI, Gabriella. *Guerra totale. Tra bombe alleate e violenze naziste. Napoli e il fronte meridionale 1940-44*. Torino: Bollati Boringhieri, 2005.
- GRIBAUDI, Gabriella. "Un certo amore per il racconto degli altri. Intervista di Valentina Cicchior". In: CASSELLATO, Alessandro (a cura di). *Il microfono rovesciato. Dieci variazioni sulla storia orale. Interviste a Cesare Bernami, Manlio Calogari, Luisa Passerini, Alessandro Portelli, Tullio Tassinari, Gabriella Gribaudi, Daniela Perco, Marco Fincardi, Antonio Canovi, Marco Paolini*. Treviso: Istascò, 2007.
- GRIBAUDI, Maurizio. "La lunga marcia della microstoria. Dalla politica all'estetica?". In: LANARO, Paola (a cura di), *Microstoria. A vertiginose anni da L'eredità immateriale*. Milano: Angeli, 2011.
- GOODY, Jack R. *L'addomesticamento del pensiero selvaggio*. Milano: Franco Angeli, 1990 [ed. or. 1977].
- _____. *La libera ricerca di Cesare Bernami. Culture altre e mondo popolare nelle opere di un protagonista della storia militante*. Roma: DeriveApprodi, 2013.
- LANARO, Paola. "Intervista a Giovanni Levi". In: LANARO, Paola (a cura di). *Microstoria. A vertiginose anni da L'eredità immateriale*. Milano: Angeli, 2011.
- _____. "Le provocazioni della storia orale. Conversazione su fonti orali e trascrizione tra Cesare Bernami, Liliana Lanzardo, Sandro Portelli, Agosto 1987". *Primo Maggio*, n. 27-28, inverno 1987-88.
- LEVI, Giovanni. "Un problema di scala". In: BOLOGNA, S. et al. *Dieci interventi*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1981.
- _____. "A proposito di microstoria". In: BURKE, Peter (a cura di). *La storiografia contemporanea*. Roma-Bari: Laterza, 1993 [ed. or. 1991].
- MORENO, Diego. *Dal documento al terreno. Storia e archeologia dei sistemi agro-silvo-pastorali*. Bologna: Il Mulino, 1990.
- ONG, Walter J. *Oralità e scrittura. Le tecnologie della parola*. Bologna: Il Mulino, 1986 [ed. or. 1982].
- PORTELLI, Alessandro. "Un lavoro di relazione. Osservazioni sulla storia orale". *Osservazioni sulla storia orale*. Associazione Italiana di Storia Orale [AISOL], 2009. (<http://aisoritalia.org/wp-content/uploads/2014/04/Alessandro-Portelli-Storia-orale-un-lavoro-di-relazione.pdf>). Accesso 2 de dezembro de 2016.
- PORTELLI, Alessandro. "Milano Coreà" di Montali e Alasia, "Il manifesto", 27 gennaio 2011.
- SALVATI, Mariuccia. "La storiografia sociale nell'Italia repubblicana". *Passato e Presente*. n. 73, 2008.
- SCHUMACHER, Ernst F. *Small is beautiful. A study of economics as if people mattered*. London: Blond and Briggs, 1973.
- TIGRINO, Vittorio. "Storia di un seminario di storia locale. Edoardo Grendi e il Seminario Permanente di Genova (1989-1999)". In: CEVASCO, Roberta (a cura di). *La natura della montagna. Studi in ricordo di Giuseppina Poggi*. Sestri Levante: Oltre, 2013.
- TORRE, Angelo. "I luoghi dell'azione". In: REVEL, Jacques (a cura di). *Giocchi di scala. La microstoria alla prova dell'esperienza*. Roma: Viella, 2006.
- WACHTEL, Nathan. *Des archives aux terrains. Essais d'anthropologie historique*. Paris: Gallimard, 2013.

Máira Ines Vendrame
Alexandre Karsburg
Paulo Roberto Staudt Moreira
(Orgs.)

Ensaio de Micro-História, trajetórias e imigração



Exatas, Ciências
Linguagem, Artes e Letras

EDITORA UNISINOS

2016